

**A PRODUÇÃO DO AMADOR NA INTERNET: DA PRODUÇÃO DE CONTEÚDO À DESORDEM MORAL. KEEN, ANDREW. O CULTO DO AMADOR. COMO BLOGS, MYSPACE, YOUTUBE E A PIRATARIA DIGITAL ESTÃO DESTRUINDO NOSSA ECONOMIA, CULTURA E VALORES. RIO DE JANEIRO: JORGE ZAHAR. ED. 2009. ISBN 9788537801253.**

Fernanda Vasques Ferreira (Brasil)<sup>1</sup>  
Marcelli Alves (Brasil).<sup>2</sup>

Uma visão apocalíptica em relação ao impacto da produção de conteúdos feitos por amadores e disponibilizados na Internet. É dessa maneira que Andrew Keen trata o assunto em sua obra intitulada *O Culto do Amador – como blogs, MySpace, Youtube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores*. O livro composto de 191 páginas é dividido em oito capítulos por meio do qual o autor promove discussões que tratam desde a sedução da Internet à propostas de soluções para o caos promovido por meio da rede mundial de computadores na sociedade. Ainda na introdução Andrew faz um comparativo do homem com o macaco, fazendo uma alusão a Huxley, biólogo evolucionista do século XIX e autor do teorema do “macaco infinito”. Segundo a teoria, ao fornecermos a um número infinito de macacos um número infinito de máquinas de escrever, alguns macacos em algum lugar vão acabar criando uma obra-prima.

Esse é o “gancho” do autor para dizer que na era da Web 2.0, em vez de criarem obras-primas, milhões de macacos exuberantes (leia-se aqui o homem que produz para a Internet) estão criando uma floresta de mediocridade. “Os macacos amadores de hoje podem usar seus computadores conectados em rede para publicar qualquer coisa, de comentários políticos mal informados a vídeos caseiros de mau gosto” (KEEN, 2009:08). O autor alega ainda que a Internet se tornou espelho de nós mesmos e prevê que a mídia antiga está ameaçada de extinção, lançando a incógnita de quem tomará o lugar da mesma e ainda ressalta que no atual culto do amador, os macacos é que dirigem o espetáculo.

No capítulo 1, intitulado “A grande sedução”, autor trata da sedução da Internet na vida das pessoas. É nessa linha de pensamento que ele traz à tona uma ressalva sobre o solapamento da verdade que, segundo ele, está ameaçando a qualidade do discurso público civil, estimulando o plágio e o roubo da propriedade intelectual e sufocando a criatividade. Para explicar melhor o que quer dizer Keen, na página 22, cita a frase do

ex-primeiro ministro britânico James Callaghan: “ Uma mentira pode dar volta ao mundo antes que a verdade tenha a chance de calçar as botas”. O autor questiona a manipulação dos conteúdos que estão disponíveis na rede fazendo até mesmo o questionamento sobre a garantia de que uma resenha disponível na web, falando bem de um determinado livro, não pode ter sido escrita pelo próprio autor, agindo assim, em forma de auto-promoção.

O capítulo dois é intitulado “O nobre amador”. Neste capítulo, o autor além de definir o termo amador, diz que na Internet de hoje, o amadorismo não é uma expertise, mas sim, é celebrado e até reverenciado. Keen é categórico ao afirmar que o profissional está sendo substituído pelo amador. Neste capítulo o autor trata, também, sobre os jornalistas-cidadãos. De uma forma bem pessimista ele afirma que os jornalistas-cidadãos não têm recursos necessários para trazer notícias confiáveis alegando que faltam-lhes não somente a expertise e formação, mas relações e acesso à informação. Keen critica seriamente o Dan Gillmor, que segundo o autor, é o defensor do jornalismo cidadão e alega também a não aplicabilidade da legislação no trabalho amador. “Nos Estados Unidos, blogueiros não vão para a cadeia por causa de seu trabalho [...] essa é a diferença entre amadores e profissionais”.

O capítulo três, intitulado “Verdades e Mentiras”, traz um sério questionamento em relação à veracidade dos fatos apresentados na Internet, inclusive o mecanismo de busca do Google. Ele argumenta que o problema é que a geração Web 2.0 tomou os resultados dos mecanismos de busca como verdades inquestionáveis. Ele exemplifica, dizendo que um estudante ao fazer um trabalho sobre a presidência dos Estados Unidos digita no Google “White House” (Casa Branca) e provavelmente deve decidir entre as três primeiras respostas. Segundo Keen, o terceiro link na lista do google leva para o site [whitehouse.org](http://whitehouse.org) – um site satírico dedicado a notícias falsas, boatos e manchetes ofensivas. O autor alega, também, que o mecanismo de busca do Google pode ser facilmente manipulado ou corrompido.

O quarto capítulo traz o título “O dia em que a música morreu [lado A] e o quinto capítulo “O dia em que a música morreu [lado B]”. Ambos tratam sobre a “morte” das lojas físicas de disco causada pela pirataria digital e o compartilhamento ilegal de arquivos a partir de serviços como *BitTorrent*, *eDonkey*, *DirectConnect*, entre outros.

Além disso, o autor explica que as consequências econômicas da revolução Web 2.0 vão além de livros e músicas apenas. Segundo ele, graças a produtos pirateados, a indústria de mídia está em crise, como um todo, inclusive a indústria cinematográfica americana, representada, principalmente, por Hollywood.

O sexto capítulo tem o título “Desordem Moral” e trata dos conflitos que a Web 2.0 traz para a formação das crianças que são ensinadas pelos seus pais que roubar é delito, porém, são incentivadas a roubarem a propriedade intelectual na Web 2.0 . O autor é categórico em dizer que a ética judaico-cristã de respeitar a propriedade alheia está sendo jogada na lixeira de nossos computadores de mesa. Além disso, Keen trata da discussão que o sexo está em toda parte comprometendo a moralidade e os valores da sociedade.

“1984 [versão 2.0]” é o título do sétimo capítulo e fala sobre o número de informação roubada da Internet deixando fragilizada o direito à privacidade. O autor diz que a idade da vigilância não está apenas sendo imposta de cima pelos agregadores de dados, está, também, sendo impelida por nossa própria obsessão de nos transmitirmos a nós mesmos.

Por fim, o oitavo capítulo tem o título “Soluções”. Neste, o autor pontua algumas prováveis saídas para o então caos instalado, segundo ele. Para Keen a regulação é urgente e necessária sobretudo para proteger as crianças contra a pedofilia na Internet e alerta para a responsabilidade dos pais, frente a essa situação. Ele finaliza dizendo que “Em vez de desenvolver tecnologia, creio que nossa verdadeira responsabilidade moral é proteger a mídia convencional contra o culto do amador”. Para ele, isso será possível quando passarmos a usar a tecnologia de maneira que estimule a inovação, a comunicação aberta e o progresso, preservando ao mesmo tempo padrões profissionais de verdade, decência e criatividade. Keen acredita que esse é o nosso dever moral.

---

<sup>1</sup> Doutoranda na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília – UnB e professora do curso de Comunicação Social – Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Universidade Católica de Brasília (UCB). Brasil, email: fernanda.jornalista82@gmail.com

<sup>2</sup> Doutoranda da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB) e professora assistente do curso de Comunicação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Brasil, email: [alves.marcelli@yahoo.com.br](mailto:alves.marcelli@yahoo.com.br)

R

y

P